

*S. Nicolau 10*

AÑO I

Praia, 1 de Outubro de 1949

N.º 1

# CABO VERDE

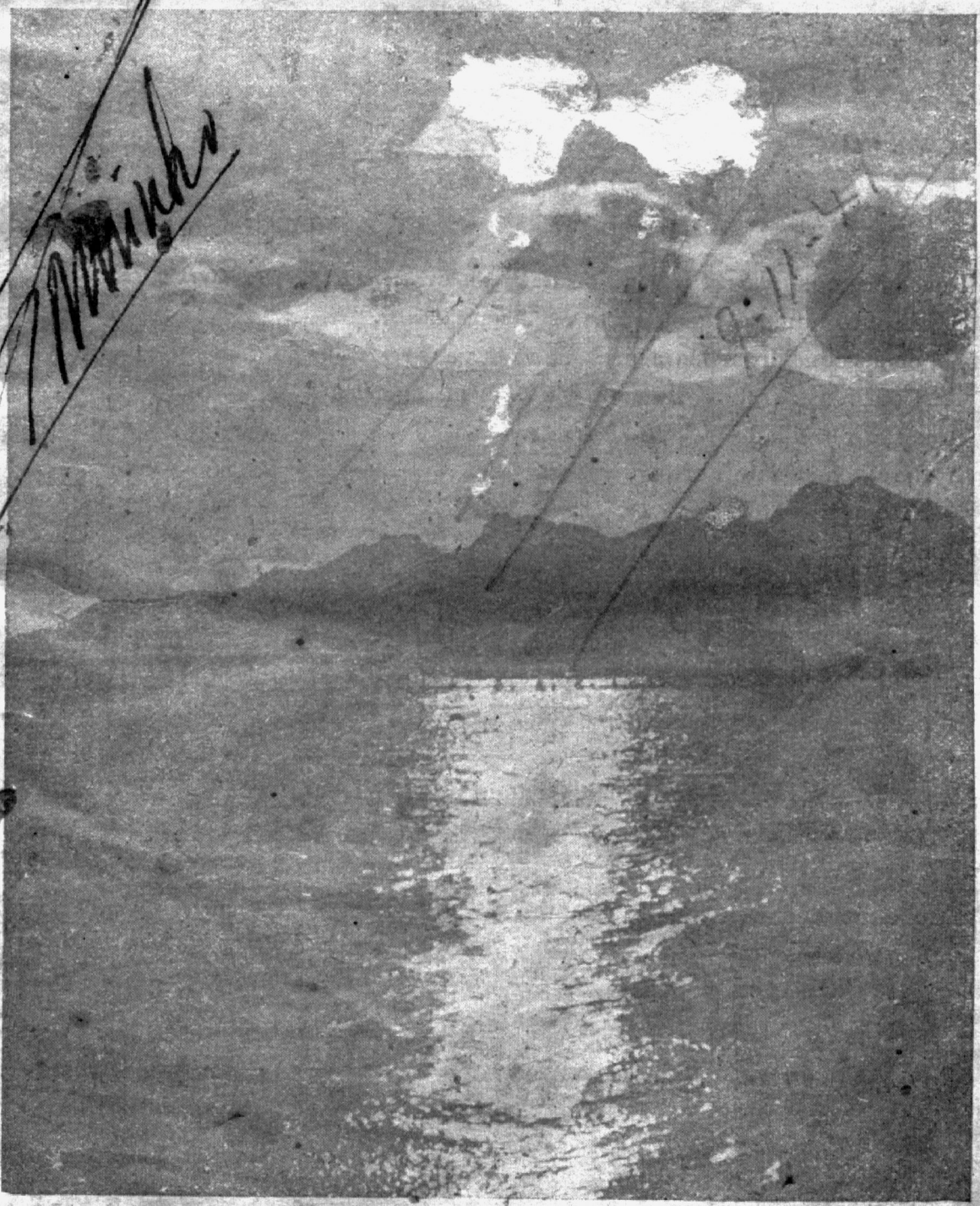
## BOLETIM DE PROPAGANDA E INFORMAÇÃO

PUBLICAÇÃO DA IMPRENSA NACIONAL  
(EM ORGANIZAÇÃO)  
PREÇO 2\$50



TODA A CORRESPONDÊNCIA DEVE SER  
DIRIGIDA Á DIRECÇÃO DA IMPRENSA  
: : : : NACIONAL NA PRAIA : : : :

*Minda*



## Sumário

Recomeçemos, *editorial por Sua Excelência o Governador Major Dr. Alves Roçadas.*

S. Vicente num relance, *crónica por Joaquim Ribeiro.*

Algumas considerações acerca das chuvas, *por Amílcar Cabral*

1.º Congresso Caboverdeano, *pelo Dr. Júlio Monteiro.*

A nossa finalidade, *pelo Dr. Bento Levy.*

A Pesca em Cabo Verde, *por Mário Secca.*

O Sal na literatura, *pelo Dr. Manuel Serra.*

Fontes Medicinais de Cabo Verde.

Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador em visita oficial a S. Vicente.

Fogo!! *por M. Tomaz Dias.*

Efemerides do mês de Outubro.

Noticiário diverso de toda a Colónia.

*Na Capa:* Pôr de sol no Porto Grande de S. Vicente, vendo-se à direita o Monte da Cara.

Anunciam neste número: *Júlio Simas Vesa Cruz, Vasco & Figueiredo, L.da, Luiz do Quental Barbosa Vicente, Carvalho, Ribeiro & Ferreira, L.da, Henriqueta Monteiro Fontes, Sociedade Luso Africana L.<sup>da</sup> e Abel Cruz.*

## finalidade

— colaboração de todos quantos de algum modo se interessam por Cabo Verde, ou porque aqui nasceram, ou porque aqui viveram, ou por cá passaram como simples curiosos, ou ainda porque, como portugueses, se acham ligados a esta parcela do Império, para o desenvolvimento e progresso da qual todos devemos contribuir.

A ideia desta iniciativa, devida a Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador da colónia, que honra o Boletim com um editorial a todos os títulos notável, dando o exemplo e incitando quantos possam contribuir para se fazer mais e melhor por Cabo Verde, não pode deixar de merecer o apoio, e mais alguma coisa do que isso — a colaboração de todos.

É essa colaboração que se pede, pois dela depende a continuação de tão útil, como indispensável elemento de vida da colónia.

Certos de que ela não nos faltará e que cada um saberá compreender a importância e alcance da iniciativa, esperamos poder continuar a tarefa de que fomos incumbidos.

## EXPLICANDO

Este boletim, dada a sua feição, não se destinava à publicação de anúncios.

Todavia, como a Direcção da Imprensa Nacional tem sido assediada por várias vezes, com pedidos, para enserir anúncios publicitários no *Boletim Oficial*, decidiu-se satisfazer tais pedidos pondo-se as páginas deste boletim à disposição daqueles que desejem utilizar a publicidade como meio de propaganda dos seus produtos e actividades, visto não ser possível fazê-lo no órgão oficial do Governo.

De resto, sendo este jornal de todos e para todos e destinando-se, em especial, à propaganda da colónia, a publicidade será uma das formas de dar a conhecer as actividades nela existentes.

## A pesca em Cabo Verde

por MÁRIO SECCA

Na longa dúzia de anos de permanência nesta colónia tenho lido muitos projectos sobre os possíveis remédios a dar à sua combalida economia, enunciando-se sempre como principal, o do Porto Grande.

Tem-se relegado para um plano secundário as bem fundadas tentativas oficiais, para se conseguir condições agrícolas que venham beneficiar a população do arquipélago e nem sequer se tomou pensado nas possibilidades que nos fornece o mar, com a sua inesgotável riqueza.

O certo é que também se não tem dado a solução adequada às continuadas crises, consideradas, como devem ser, como um fenómeno acentuadamente comercial. As grandes obras de fomento, nesta colónia de rochas desnudas e terras ingratas, ainda não foram postas criteriosamente em equação e a sua economia está emperrada por atritos resultantes da defesa de mesquinhos interesses locais.

É, contudo, preciso convencermos-nos de que as maiores, talvez as únicas riquezas de Cabo Verde, se limitam à exploração das terras e do mar.

E, conseqüentemente, é preciso que toda a atenção, todo o esforço, toda a iniciativa, toda a propaganda e todos os recursos se empreguem, a fundo, em tirar do mar e da terra o que eles tão prodigamente nos oferecem e convertê-lo em riqueza pública. Assim criar-se á uma sã e desafogada situação económica à colónia e seus habitantes, que ainda hoje vivem — mesmo quando a crise os não atinja — a vida condicionada a uma precária existência, cheia de cuidados e de miséria.

É, inexplicável que há mais de um século se venha ventilando, na colónia, o problema da pesca e sua industrialização e ainda ele se encontra na sua fase inicial. Em Angola a evolução da exploração piscatória foi rápida. O marquês de Sá da Bandeira mandou para o sul, nos meados do século passado, os primeiros



anzóis. Ali se iniciou a pesca dos esqualos para a exportação do óleo dos fígados, que as barcas americanas vinham carregar. Apesar de todas as crises, a indústria da pesca fixou-se, aumentou e prosperou. Hoje já conta com uma das maiores riquezas, garantindo o bem estar da população, os interesses dos industriais e a economia do distrito de Mossamedes.

Muito posteriormente iniciou-se, em Benguela, a mesma indústria. Mas ali o seu desenvolvimento fez-se rapidamente. E, contudo, em Angola, não existem as variedades de grande valor industrial que se encontram nas águas do arquipélago.

Contar com a iniciativa ou capitais, na colónia, seria o mesmo que procurar agulha em palheiro. Ter-se á de recorrer ao capital metropolitano, ou estrangeiro, para se montarem empresas de pesca em cada uma das ilhas do arquipélago, ficando elas com extensas zonas marítimas de exploração e sendo obrigadas ao integral aproveitamento de todo o pescado. O Estado terá de dispensar-lhe auxílio e protecção e conceder-lhe certos privilégios quanto à isenção de licenças, taxas aduaneiras, mão de obra, etc., durante o período de instalação e, possivelmente, auxílio financeiro.

O certo é que se assim se proceder se dará a Cabo Verde, o empurrão necessário no sentido da evolução rápida das suas únicas riquezas.

#### De S. Nicolau

Continuam decorrendo com normalidade os diversos trabalhos em curso nesta ilha que, presentemente, já está bastante bem servida de vias de comunicação para peões e animais e bem como de obras de hidráulica, nos seus principais vales.

Entre estas é de destacar a que está sendo levada a efeito no Fronteira, próximo da embocadura da Ribeira Brava, por ser sem dúvida, a mais importante da ilha, não só pela sua extensão e disposição topográfica, mas também pela natureza do solo ubérrimo, embora há alguns anos tenha desaparecido grande parte do importante regadio, devido à escassês prolongada das chuvas.

Essa obra já vai muito adiantada e é, de todas as realizadas até agora na ilha, a de maior envergadura e, possivelmente de mais larga projecção futura no ressurgimento económico do concelho.

## O sal na literatura

pelo Dr. Manuel Coelho Pereira Serra

O nome do sal anda ligado a várias palavras e aparece no nosso léxico com diversas significações, envolvendo-se, por vezes, em véus de mistério...

Nos primórdios da Humanidade, teria desempenhado o papel de instrumento geral de trocas, pois era utilizado como moeda. Era com «medidas de sal» que se pagava o trabalho de cada um e, daí, o termo *salário*.

Para os latinos, o sal era tido como símbolo da sabedoria — «sal sapientiae» —, símbolo que transitou do paganismo para o cristianismo, para surgir no acto do sacramento do baptismo em que o sacerdote introduz uma pitada de sal na boca do baptizando....

Cristo, dirigindo-se a seus discípulos, tratou-os por «sal da terra» — *vos estis sal terrae* —, como se vê em S. Mateus (Capítulo V — 13), expressão essa que, para os teólogos, significa o princípio da conservação espiritual e que serviu de tema ao Padre António Vieira para o seu tão célebre «Sermão aos Peixes» pregado na cidade de S. Luís do Maranhão, no ano de 1654.

O sal também foi sinónimo de «graça ou malícia espirituosa». Na nossa literatura aparece em tal sentido, como, por exemplo, neste passo de uma das mais famosas cartas do poeta Sá de Miranda:

Os mamos, os serões de Portugal,  
tão salados no mundo onde são idos  
e a graça temperada do seu sal?

A par dessas e doutras significações que tem tido, o sal também aparece como símbolo de excomunhão e de castigo. Pombal, na sua impietosa perseguição, mandou destruir o palácio dos Duques de Aveiro, em Belém, e ordenou que o terreno fosse «salgado». O local ainda hoje é conhecido por «Chão Salgado». E na ilha de Santiago de Cabo Verde, no ano de 1505, por virtude de actos cometidos por alguns dos seus habitantes, foi mandada arrazar e «salgar» a então florescente vila dos Alcatrazes, na freguesia de Nossa Senhora da Luz.

E já agora, não nos esqueçamos também de que Sara, ao retirar-se da cidade de Sodoma, ficou convertida em «estátua de sal» por, contra o aviso prévio de Loth — seu esposo —, ter voltado o rosto para contemplar a cidade maldita...

Do *Boletim Geral das Colónias*, de Junho de 1948.